



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFROBRASILEIRA

INSTITUTO DE HUMANIDADES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE BACHARELADO EM  
HUMANIDADES

JUVINAL DOMINGOS DA COSTA

A PERCEPÇÃO DOS JOVENS BIJAGÓS CONTEMPORÂNEOS SOBRE  
OS RITOS DE INICIAÇÃO (MARACH E DIFUNTO) NA CULTURA  
TRADICIONAL BIJAGÓ

ACARAPE, CE

2018

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFROBRASILEIRA

INSTITUTO DE HUMANIDADES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE BACHARELADO EM  
HUMANIDADES

A PERCEPÇÃO DOS JOVENS BIJAGÓS CONTEMPORÂNEOS SOBRE  
OS RITOS DE INICIAÇÃO (MARACH E DIFUNTO) NA CULTURA  
TRADICIONAL BIJAGÓ

JUVINAL DOMINGOS DA COSTA

Trabalho de conclusão de curso a ser apresentado como requisito  
parcial para a obtenção do título de bacharel em humanidades na  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-  
Brasileira UNILAB

Orientador: Luís Tomas Domingos

ACARAPE, CE

2018

## Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus (Nindó) e aos meus ancestrais, meus avôs que não estão mais nesse mundo dos vivos. E aos meus pais, Domingos da Costa e Sabado Carlos que sempre me apoiaram incondicionalmente e preocupando sempre como o meu futuro, e a minha outra querida e adorada mãe brasileira Jussara Marques, que sempre me apoiou e me deu muita força nessa caminhada universitária. Aos meus irmãos, Brandão de Pina, Matias de Pina e Adriano Rodriguez, sem eles poderia não estar me formando numa universidade. E agradeço também a minha querida tia Clemepelia Olis Vieira, que sempre me apoiou desde ensino médio até a minha chegada a universidade. E finalmente ao meu Ilustre Professor Orientador Dr. Luis Tomas Domingos, a todo pessoal da nossa entrada 2016.1, e assim também a todos aqueles que contribuíram de forma direta ou indireta na minha formação acadêmica, na qual não mencionei o nome aqui, agradeço de coração. Muito obrigado!

## Sumário

1. INTRODUÇÃO	5.
JUSTIFICATIVA	6
3. OBJETIVOS	10
3.1. Objetivo geral	10
3.2. Objetivos específicos	10
4. PROBLEMATIZAÇÃO	11
5. HIPÓTESES	12
6. REFERENCIAL TEÓRICO	13
6.1. Origem dos bijagós	13
6.2. Mitos de criação dos bijagós	17
6.3. Os ritos de iniciação dos bijagós em tradição oral	18
6.3.1 Difunto	22
6.4. A cosmologia dos bijagós	23
6.5. O modo de vida dos bijagós e a globalização	27
6.6. Os bijagós e as suas estruturas sociais	28
7. METODOLOGIA	29
7.1. Pesquisa qualitativa	29
7.2. Delimitação do objeto	31
7.2. Descrição da pesquisa	31
8. CRONOGRAMA	32
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

## Resumo

Este projeto de pesquisa tem como objetivo analisar, relatar e descrever a percepção dos jovens bijagós contemporâneos sobre os ritos de iniciação (*Marach e Difunto*) na cultura tradicional bijagós, Guiné-Bissau. Como sendo o rito de iniciação mais importante para os bijagós, pois é nesses ritos de iniciação que são repassados os saberes tradicionais desse povo insular aos mais novos de modo a conservar o conhecimento e o saber tradicional. No entanto, o tema do projeto surge por uma inquietação pessoal, no tocante ao modo e o pensamento atual dos jovens bijagós contemporâneo sobre os ritos iniciação na cultura tradicional bijagós, e saberes que delas são adquiridas durante o período de iniciação, pois, os bijagós acreditam que o homem apreende fazendo, ou seja, os bijagós são profundamente pragmáticos e para entender como os bijagós pensam o mundo, o indivíduo tem que participar nos ritos de iniciação (*Marach ou Difunto*), porque esse conhecimento é tida como algo sagrado. E nesse contexto, o projeto irá investigar, descrever e relatar a percepção desta nova geração sobre os saberes tradicionais que são adquiridos nessas cerimônias e práticas de ritos de iniciação de (*Marach e Difunto*), tendo em conta que estes conhecimentos tradicionais dos bijagós, e assim como outras formas de saberes podem ser útil na formação dos jovens bijagós contemporâneos e futuras geração. Portanto se pretende com este projeto relatar, descrever e análise da percepção dos jovens bijagós sobre os ritos de iniciação de modo a fomentar debates, questionamentos sobre os saberes tradicionais bijagó face ao avanço da globalização, e as influências culturais que está sendo verificado no arquipélago. E nesse contexto, será feito entrevistas com jovens bijagós de 18 a 35 anos, residentes nas ilhas do arquipélago e na diáspora, utilizando o método qualitativo devido à natureza do próprio projeto.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Guiné-Bissau. Bijagós. ritos de iniciação. Saberes tradicionais.*

## 1- INTRODUÇÃO

O presente projeto tem como propósito desenvolver uma pesquisa sobre a percepção dos jovens bijagós contemporâneos sobre os ritos de iniciação (*Marach e Difunto*) na cultura tradicional bijagó e os saberes que dela são adquiridas ao longo desse período de iniciação. Pretende, no entanto, com essa pesquisa analisar e compreender e, por conseguinte descrever o pensamento dessa geração sobre os saberes tradicionais ensinadas nos ritos de iniciação e as suas importâncias na formação das futuras gerações e de homem novo e a conservação do próprio saber tradicional diante da nova face de globalização.

No entanto, o tema surgiu a partir de uma inquietação pessoal e questionamentos sobre como os jovens bijagós atuais veem e pensam os ritos de iniciação e saberes tradicionais perante o avanço da modernidade. E, portanto, os ritos de iniciação (*Marach e Difunto*) são cerimônias de iniciação mais importantes na cultura tradicional bijagó. Pois, são nessas cerimônias de iniciação que são ensinados os mais profundos segredos e saberes desse povo. Um tipo de saberes tradicional que só é transmitido nos rituais de iniciação de boca ao ouvido e de mestre ao discípulo. E nesse contexto, se destaca, no entanto, grande importância dada a tradição oral nessa sociedade, ou seja, a grande relevância que a fala possui nessa sociedade, como veículo de transmissão do conhecimento. Pois a fala para os bijagós é sagrada.

O homem apreende em qualquer lugar e qualquer momento, no entanto, sempre fomos desde crianças ensinados alguma coisa pelos nossos pais e pessoas a redores. No entanto, apreender e procurar entender o porquê das coisas, sempre fez parte da natureza humana. E a Unilab nos dá essa possibilidade como estudantes de pesquisar e desenvolver estudos voltados a contribuição e do desenvolvimento do ponto de vista social, cultural, técnico e filosófico, estimulando assim, os alunos e novos pesquisadores a pensarem e entender as ações humanas no cotidiano das pessoas, abraçando assim todos os tipos de saberes. E nesse contexto que no seu estatuto capítulo II e art.3, exalta e da relevância a disseminação e a missão de produção de um saber universal na qual contribuirá no avanço social dos países membros da CPLP. No entanto, como sendo um tipo de saber capaz de educar e contribuir na formação de jovens e, por conseguinte fomentar debates sobre o respeito as diversidades culturais e as suas diferentes formas de manifestações, acreditasse que esse que irá suscitar debates a volta do que seria a valorização cultural e respeito as diferentes formas de transmissão do conhecimento.

A pesquisa vai abarcar jovens bijagós, (homens/mulheres) residentes no arquipélago dos bijagós e na diáspora (Unilab) de 18 a 35 anos de idade. Será feita também a recolha de dados junto a INEP (Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa) na Guiné-Bissau, e na UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira).

## **2-JUSTIFICATIVA**

Como é de conhecimento da maioria dos membros das nossas sociedades mundiais, vivemos numa época mais globalizada em toda a história da humanidade, ou seja, o mundo em que vivemos atualmente está cada vez mais interconectado mais do que nunca. Isso graças ao sistema capitalista econômica e as novas tecnologias de informação e de comunicação, e os meios de transporte de pessoas e de mercadorias, que estão cada vez mais sofisticados, potentes e rápidos. Algo que torna os povos de diferentes cantos do globo mais facilidades em trocas culturais e os seus saberes.

No entanto, o que muitas vezes não é percebido pelas sociedades subalternos, (como o caso específico dos Bijagós) é que, esse novo sistema de globalização carrega em si, quer nos meios de comunicação em massa, nos produtos comercializados vindos dos países hegemônicos, uma grande influência cultural vindos desses países, capaz de aniquilar uma cultura e um saber tradicional milenar, isso quando os jovens e a população local não estão preparados para as tais influências e trocas culturais. O que também é forçado pelas mídias locais e livros didáticos desses países subalternos, como é o caso da Guiné-Bissau onde os alunos estudam mais os saberes ocidentais do que saber local e aprendem consumir mais a cultura ocidental, americana e menos a cultura local.

Também a influência externa pode ser vista como a nova forma de colonização e dominação. Porque na verdade, a invasão e “instauração do domínio colonial na África não se resumiu à imposição forçada do poder político, social e econômica. Mas também foi uma imposição cultural. Utilizou a cultura para dar apoio a superestruturas econômicas, sociais representadas pelo colonialismo” (OPOCO,2010, p.191). Porque perceberam que a cultura africana está intimamente ligada à sua religiosidade e se manifesta no cotidiano desses povos e principalmente nas cerimônias ritualísticas e cultas a ancestralidade.

Vale ressaltar que além dessas colonizações mencionadas também houve uma colonização psicológica contra esses povos na qual se manifesta nos dias atuais, tudo isso fez com que o homem africano acreditasse que é absolutamente inferior ao invasor (colonizador branco), tanto no modo de ser e estar, e assim também no modo de produção de conhecimento. E o saber tradicional também foi ignorado, e o africano foi visto durante séculos como povo sem história e sem cultura. E os heróis, que lideraram os movimentos das lutas pelas independências não escaparam dessa lavagem cerebral, que depois das conquistas das independências, continuaram a fomentar o desprezo e abandono as culturas africanas, que há centenas de anos, os próprios europeus tentaram e tinham como um dos objetivos apagar na história, tanto suas memórias, saberes, costumes e civilizações.

No entanto, nasce e fui socializado na sociedade bijagó e os meus pais são desse grupo étnico que habita no sul de atual Guiné-Bissau e no arquipélago do mesmo nome (arquipélago dos bijagós), composta por 88 ilhas e ilhéus, e afastada do continente e de restantes grupos étnicos do país, algo que ajudou muito na conservação das suas características culturais mais antigas, pois não tinham muitos contatos com os povos do continente. E segundo a Scholl:

Interpreta-se que pelo seu isolamento esse povo teria preservado melhor características da cultura originária, portanto seriam testemunhos vivos de uma cultura arcaica. Estes chamam a atenção dos observadores estrangeiros principalmente pela sua forma diferenciada de organização social, em especial na questão de gênero, pois esta é uma sociedade em que o lugar da mulher é bastante aparente e isto não foi e nem pode ser desconsiderado aos olhos dos europeus (SCHOLL, 2016, s/p)

E nas últimas décadas tem crescido muito a presença estrangeira no arquipélago, que é uma presença movida por uma exploração dos recursos naturais do arquipélago alterando assim o modo de vida e práticas ritualísticas culturais dos bijagós, quebrando assim tabus que ajudam na conservação da biodiversidade e de áreas protegidas do arquipélago. E, ALVES, nos diz que:

A globalização dos mercados encoraja a monetarização progressiva da economia dos Bijagós, que se orienta pouco a pouco para culturas comerciais como o caju em detrimento das zonas de palmeiras. E já se anteveem riscos maiores como a exploração petrolífera offshore ou estaleiros de desmantelamento de barcos velhos, com o seu séquito de poluições, (ALVES, 2006, p. 2).

No entanto, desde cedo ouvia discursos e até dos meus professores na ilha de Bubaque (essa ilha é a mais movimentada e fica no centro do arquipélago), que encoraja e desvaloriza as práticas tradicionais e em especial os ritos de iniciação e sabres tradicionais, nas quais contribuíram e ainda contribuem na conservação dessas biodiversidades, e associando-os ao atraso, por tão sonhado progresso e desenvolvimento. Eu inconscientemente apoiava essas falas, e até parei de frequentar lugares ditos sagrados dos bijagós (em Bubaque e Rubane, lugares aonde íamos sempre para o cultivo de arroz), e onde o meu avô fazia as suas cerimônias de cura tradicional etc. Eu estava convencido de que aquelas práticas eram obras do demônio. E até um dia falei para a minha mãe depois da saída do culto na igreja, que os “brancos” vieram para nos libertar e trazer a palavra de Jesus Cristo. E ela olhou para mim e sorriu, e disse: “tu não sabes o que está dizendo menino, um dia entendera o porquê das coisas”.

Mas hoje aqui na UNILAB, penso diferente e percebo que perdi muito com os meus avós (que já não estão mais nesse mundo dos vivos), e que, eles tinham muito conhecimento para me oferecer, as suas visões do mundo e o modo de ser e estar, e que naquelas práticas ritualísticas e cerimoniais nada tinha de demônio. E que também, os ritos de iniciação e saber tradicional, pode servir na formação dos jovens, como sempre foi nas sociedades mais antigas.

E nesse contexto que nasce o tema deste projeto de pesquisa, que procura analisar e descrever e conseqüentemente compreender a percepção desta nova geração no que tem a ver com as práticas culturais bijagós, em especial “ritos de iniciação ou de passagem”, e os saberes que deles são adquiridos ao longo desse período de iniciação, no contexto atual da globalização. Tendo em conta que os “ritos de iniciação” são práticas ritualísticas e culturais mais importante para os bijagós, pois é nesses ritos de passagem que o jovem apreende, e é ensinado tudo sobre o que é ser um bijagó, a sua concepção do mundo e seu modo de ser e de estar na sociedade, e assim como lidar com os seus membros na qual partilham os mesmos códigos éticos e morais. É um período de formação e de aquisição do conhecimento para os bijagós. E nesse contexto nos diz também, NETO, que:

As tradições bijagós passaram de geração em geração e ainda hoje se celebram de acordo com os mais sagrados princípios desta sociedade. Alguns ritos, como os da iniciação, estão entre os momentos mais altos da vida dos Bijagós. (NETO, 2006. s/p).

Segundo o padre Scantamburlo, «se alguém quiser saber mais sobre a maneira como os Bijagós veem o mundo, deve estar presente na realização das cerimónias tradicionais, pois para este povo o conhecimento, sobretudo no domínio do sagrado, não pode ser transmitido por palavras, mas sim por factos. Para eles, conhece-se fazendo ou presenciando. (SCANTAMBURLO 1991 apud NETO, 2006. s/p).

E, por conseguinte, o próprio projeto procurara junto aos jovens bijagós contemporâneos, entender como os saberes, as práticas culturais e visão do mundo do homem bijagó pode ser útil na formação das futuras gerações, e na preservação das suas identidades étnicas e culturais africanas, em especial os bijagós, e, na conservação do meio ambiente em que vivem. Sendo que para o homem bijagó “a natureza é sagrada é mística e religiosa, e a produção do valor de uso se sobrepõe ao valor de troca”. (CARDOSO, 2010. s/p).

Não há sociedade sem mudanças, como sociologia nos ensina, todas as sociedades estão em mudanças constantes, e essas mudanças também ocorrem com os contatos com outros povos. No entanto, uma geração que não se interessa pela sua cultura, está apagando a sua própria identidade, a memória dos seus antepassados, e os saberes que esses homens deixaram como herança.

E é verdade que não é tudo que é bom nas nossas culturas africanas (e em especial, a dos bijagós na qual o projeto tem o seu maior foco), mas podemos aproveitar sempre aquilo que achamos bom, que os nossos ancestrais deixaram e que sempre foi transmitida de geração a geração pela oralidade nas cerimónias de iniciação (no caso dos bijagós), de modo a preservar a tradição.

E nesse contexto, e sobre essa lógica particularmente entende-se que o tema proposto é imprescindível e de extrema importância, para pensarmos as nossas realidades e culturas africanas, e a sociedade bijagó em particular, e os saberes tradicionais.

E o próprio tema também relaciona diversas áreas de conhecimento, especificamente a área das ciências humanas, com ele se almeja contribuir para a formação dos jovens contemporâneos e estimulando reflexões sobre as tradições bijagós, e sistema do ensino guineense/africano. Pois é um tema que pretende levar para essas sociedades a pensar e debater sobre a valorização dos saberes e culturas tradicionais bijagós.

### **3. OBJETIVOS:**

#### **3.1 Objetivo Geral**

- Identificar, avaliar e descrever o pensamento dos jovens bijagós contemporâneos, sobre os ritos de iniciação de *Marach* e *Difunto* na cultura tradicional bijagó, como sendo os momentos mais alto e importante para transmissão e aquisição dos seus saberes tradicionais.

#### **3.2 Específicos**

- Relatar, descrever e entender o pensamento dos jovens bijagós contemporâneos, sobre os ritos de iniciação, a sua importância na formação dos mesmos face a nova fase de globalização e a conservação do próprio saber tradicional bijagó;
- Descobrir e descrever o impacto dessas cerimônias ritualísticas na vida dos jovens já iniciados e os não iniciados, tendo em conta que os últimos estão inseridos no mesmo contexto social;
- Descobrir e descrever a percepção dos jovens bijagós das vantagens, desvantagens nos ritos de iniciação nos dias atuais e os saberes delas adquirida, nas quais são transmitidas de geração a geração pela oralidade como uma herança cultural e conservação da identidade bijagós;
- Identificar e descrever a percepção dos mesmos (jovens), de como o estado guineense através do MEN (Ministério da Educação Nacional), tem contribuído ou não nos livros didáticos para ensino ou não das práticas e saberes tradicionais bijagós nas escolas do arquipélago, e se o ensino dos saberes tradicionais nas escolas é importante para garantir a sobrevivência da cultura.

### **4. PROBLEMATIZAÇÃO**

Este trabalho de pesquisa surgiu a partir de uma inquietação e questionamentos pessoais que tenta entender a percepção, ou seja, o pensamento dos jovens bijagós contemporâneos a respeito dos ritos de iniciação na cultura bijagó, como sendo os ritos de iniciação mais importante para os bijagós. É nesses rituais de iniciação, que os jovens aprendem e são

ensinados o modo de ser e de viver para um bijagó. E como o homem bijagó pensa o mundo. Esses conhecimentos, sempre foram transmitidos de geração em geração, de boca ao ouvido, de mestre aos discípulos nesses ritos de iniciação.

Nasci e fui criado no arquipélago dos bijagós, e cada vez tem se verificado o distanciamento de muitos jovens aos ritos de iniciação e muitos outros saberes tradicionais e culturais, associando-os ao atraso e não civilizado (eu era um desses jovens), mas percebo agora que estamos perdendo e muito, os saberes dos nossos antepassados. E os nossos avôs ainda estão sempre querendo nos transmitir esses saberes do passado, nas quais são necessários para a nossa formação, e conservação das nossas identidades étnicas e culturais, que os invasores colonizadores tentaram apagar na história.

E por muito tempo fomos subjugados e vendo as nossas culturas, religiões e saberes tradicionais milenares sendo marginalizado, assassinados pelos invasores colonialistas. E ainda nos dias atuais ainda inconscientemente reproduzimos os mesmos discursos, nas escolas e no nosso cotidiano. No entanto, a minha presença e estudo na Unilab, me permite ter outra visão a respeito da nossa realidade. E assim pensar e refletir sobre os saberes tradicionais que são ensinadas nos ritos de iniciação, e que, inconscientemente eu mesmo ignorava, que nelas há grande importância. Pois é através desses conhecimentos e modo de vida que foi educado. E isso não significa que tudo na nossa cultura é bom ou ela é melhor (como já refere acima), mas sim pode ser estudada e pensada como também um conhecimento capaz de formar o homem novo.

Diante do exposto, apresento as seguintes questões:

Quem somos perante o mundo? Ou será que podemos e devemos nos definir a partir das nossas identidades étnicas e culturais dos nossos antepassados ou devemos nos definir a partir do ocidente, ou seja, a partir dos rótulos impostos por colonizador?

Será que é possível partir da nossa realidade social e os saberes que os nossos antepassados deixaram como herança para desenvolvermos e organizarmos as nossas sociedades?

O que de bom que podemos retirar e aproveitar dos nossos antepassados tanto na filosofia, sociologia e medicina entre outras áreas de saber tradicional africana para a nossa formação atual e como podemos ganhar esses conhecimentos se não estamos nem ligado e integrado a ela?

O que é ensinado nas escolas, nos livros didáticos sobre as nossas culturas e saberes tradicionais? E a valorização do mesmo, como um conhecimento útil para avanço e organização social nos dias atuais?

Será que vale a pena estudar e conhecer o pensamento dos nossos antepassados, a sua visão do mundo e a nossa história, a partir dos relatos dos próprios anciões do nosso povo e não a partir da visão dos viajantes europeus dos séculos passados?

## **5. HIPÓTESES**

Acredita-se que o pensamento de muitos jovens bijagós contemporâneos desconhece o valor e o sentido dos ritos de iniciação. E se distância muito dessas práticas de ritos de iniciação dos bijagós, e saberes que a partir delas são adquiridas por grande preconceito e marginalização que vem sofrendo desde a época da colonização.

No entanto, após a leitura dos autores que falam da colonização na África, presume-se que a colonização psicológica feita em África e em especial na Guiné-Bissau, ainda se manifesta nos jovens bijagós contemporâneos. E, o desprezo a essas práticas ritualísticas vem sempre acompanhada de discursos que desvalorizam essas formas de saberes, religião e visões do mundo do homem bijagó, como sendo atrasado não compatível com o desenvolvimento e o tão sonhado progresso.

## **6. REFERENCIAL TEÓRICO**

Como o objetivo desse projeto é entender e descrever a percepção, ou seja, o pensamento de jovens bijagós sobre os ritos de iniciação na cultura bijagós, para elaboração desse projeto trouxemos alguns conceitos como forma de nos fornecer uma base teórica, ritos de iniciação e a tradição oral. A cosmologia, o modo de vida dos bijagós e o saber tradicional, estes últimos serão abordados a partir das questões principais, ou seja, de temas de maior foco no trabalho.

### **6.1 Origem dos bijagós**

Este trabalho de pesquisa tem o propósito principal à percepção dos jovens bijagós contemporâneos sobre os ritos de iniciação na cultura e sociedade bijagó. E nesse

contexto, sentimos obrigados a situar o leitor o contexto geográfico, histórico e social desse povo africano.

Os bijagós, (bidjugus, em crioulo que é a língua mais falada na Guiné-Bissau, e ódjocó na língua bijagó, que significa individuo ou ser humano, diferenciando assim dos animais irracionais) é um grupo étnico que vive na costa ocidental africana, no atual Republica da Guiné-Bissau, e num arquipélago do mesmo nome (arquipélago dos bijagós) no sul do país. E esse arquipélago é composto por 88 ilhas e ilhéus, as dezanoves (19) ilhas são habitadas permanentemente, Bubaque, Ganogo, Meneg, Orangozinho, Rubane, Sogá, Orango-Grande, Uno, Uracane, Eguba, Canhabaque, Formosa, Ponta, Maio, Caravela, Caraxe, Unhocomo, Unhocomozinho e Galinhas. E área total de 2 624 km<sup>2</sup> e uma população orçada em cerca de 30.000 habitantes (2006).



Fonte: Google maps

No entanto, esse arquipélago compõe também uma área protegida, classificadas pela UNESCO em 1996 como reserva da biosfera. Esta reserva conta com uma diversificada área de fauna e flora, na qual abriga diferentes tipos de espécies, como macacos, crocodilos, aves pernaltas, tartarugas marinhas, lontras e hipopótamos únicos no mundo que vive na água doce e do mar. E esse arquipélago que também é considerado uma das últimas joias da África, e chamam-lhe de “bemba de di vida em crioulo, e *caóra ka koné* em bijagó ( que significa o celeiro da vida ), isso porque elas são grandes reservatórios de biodiversidade de grande importância mundial e também de maternidade para espécies em risco de extinção. O que é uma das coisas que faz com que esse

arquipélago esteja sempre sob grandes ameaças externas e de povos que são atraídos pelos seus recursos naturais, afirma ALVES:

Desde há alguns anos que numerosas influências exteriores interferem com este equilíbrio secular. O arquipélago, outrora fechado sobre o seu mistério, é hoje sujeito a muitas cobiças. Os seus recursos naturais, ainda abundantes, atraem a pesca industrial da Europa e da Ásia que, apesar das proibições, vêm lançar as redes durante a noite nos canais que separam as ilhas. As pirogas artesanais vêm de diferentes países da sub-região para pescar em particular os tubarões, cujas barbatanas são apreciadas nos mercados asiáticos. (ALVES, 2006, p.2).

No entanto, os bijagós abitaram essas ilhas há centenas de anos ou se não há milhares de anos atrás, e ninguém ainda sabe de onde vieram e como chegaram estas ilhas. E sempre registaram a qualquer invasão e conquista dos seus territórios. Por exemplo, na época da invasão e presença portuguesa no atual Guiné-Bissau, esse povo insular nunca aceitou a presença e a dominação colonial, “em 1900, eles foram os primeiros habitantes do território guineense a entrar em conflito armado com os portugueses. Viriam a ser também os últimos antes do estabelecimento da Pax Lusitana” (MENDY, 1992, p.43).

E a origem desse povo do arquipélago é uma questão ainda em aberto, pois se tem debatido muito sobre as suas origens desde os primeiros registos feitos no século XV pelos viajantes europeus na costa ocidental africana, que mostra que as ilhas dos bijagó já eram habitadas nessa época, e depois a questão foi retomada em 1946 a 1973, (no boletim cultural da Guiné-Bissau) na qual foi debatida o tema em questão (a origem dos bijagós), por administradores-etnólogos portugueses na época colonial. Nos fala a SCHOLL, do debate que ocorreu no boletim cultural da Guiné-Bissau desde 1946, que:

A discussão se polariza: de um lado, há aqueles que defendem que os povos da Guiné seriam originários de uma migração banto e teriam uma matriz cultural negra; de outro lado, há aqueles que defendem uma origem etiópica, onde a matriz cultural seria semítica. O debate ocorre pela diferença de interpretação de elementos que os autores descrevem como característicos da cultura bijagó: a religião, o matriarcado e a poliandria (SCHOLL, 2016. s/p).

E a origem dos bijagós foi uma questão abordada pelos navegadores europeus desde os séculos passados, fascinados pelas belezas naturais e povo totalmente diferente culturalmente dos que vivem no continente. E segundo a SCHOLL:

Os Povos Bijagó são vistos pelos portugueses como um “enigma” por algumas de suas características culturais, sua diferenciação com os outros povos da costa e seu isolamento nas ilhas. A intelectualidade portuguesa na colônia, atraída pelo exótico, tinha muito interesse na cultura deste povo e decorrente disto, há constantes debates a respeito das diferentes interpretações sobre elementos da vida bijagó. (SCHOLL, 2016, s/p)

Para além dos portugueses, europeus de outras nacionalidades também estiveram em visita nas Ilhas no início do século XX e deixaram testemunhos que foram levados em consideração nos estudos portugueses sobre o assunto. Um deles foi o austríaco Hugo Bernatzik que faz uma incursão nas Ilhas Bijagó na década de 1930 e fez registros etnográficos e fotográficos em sua viagem pelas diferentes ilhas. O relato de sua viagem está publicado no livro “Aetiopen des Westens” de 1933” (BERNATZIK 1933, apud SCHOLL, 2016.s/p).

No entanto, o modo e as características diferenciadas dos bijagós foi usada sempre até nos dias atuais para explicar a sua origem, e muitos os consideram (bijagós), como uma sociedade matriarcal, segundo (BERNATZIK, 1933, apud SCHOLL, (2016, s/p), os bijagós seriam os Etíopes ocidentais e seriam povos do Nilo e possuem uma descendência semita. O autor analisa a forma da religião dos bijagós na qual se assemelham aos povos etíopes, as mulheres têm mais protagonismo na própria sociedade bijagó e na família, ou seja, elas exercem a autoridade política mais do que os homens, algo muito raro.

Também sobre o mesmo assunto foi abordado pelo LANDERSET, 1935, apud SCHOLL, (2016, s/p), seguindo ele os povos que habitam a atual Guiné-Bissau poderiam estar ligados a imigração do povo Banto, e que os bijagós por terem uma cultura totalmente diferente, poderiam ser resultado de cada um dos grupos étnicos do continente. Mas também ao mesmo tempo relaciona a origem dos mesmos aos etíopes por eles terem rainhas, e as mulheres exercendo grande autoridade política e familiar.

No entanto, se percebe muito a questão do matriarcado foi um elemento importante para justificar e debater a origem dos bijagós quer por (BERNATZIK 1933, LANDERSET 1935, QUINTINO, 1962, MORREIRA, 1946 apud SCHOLL, (2016, s/p). E os dois últimos defenderam o matriarcado e poliandria entre os bijagós, alegando que havia necessidade de transmissão de linhagem via uterina. Lembrando que esses autores fizeram as suas análises baseadas nos paradigmas evolucionistas da época e com o intuito de justificar ao todo custo a dominação colonial. Nos fala também SCHOLL, que:

Em sua argumentação, Moreira apresenta que este regime do matriarcado seria decorrente da existência da poliandria, isto é, esta sociedade teria um regime matriarcal pois haveria a necessidade de transmissão da linhagem por via uterina (matrilinear) por conta da liberdade sexual que as mulheres teriam nesta sociedade e da impossibilidade da certeza de saber a paternidade dos filhos. O autor cita o antropólogo Morgan para classificar os Bijagós em “estado de barbárie” o que dentro do paradigma do evolucionismo social justifica este “regime de matriarcado”, pois que, segundo esta escola antropológica, este sistema político seria um estágio da organização social dos povos primitivos que em sua evolução nos diversos estágios evoluiria posteriormente para o patriarcado. (SCHOLL, 2016. s/p).

Nesse contexto, outro administrador-etnólogo LIMA (1947), publicou no boletim cultural da Guiné, contrariando diretamente as ideias de Morreira, Quintino e demais etnólogos que defendem o patriarcalismo entre os bijagós. E segundo ele:

o regime dos bijagós seria o patriarcado e descreve que a vida social seria organizada a partir das “classes de idade”, sistema no qual as gerações organizariam a hierarquia social e que a religião teria função fundamental. O autor se contrapõe diretamente aos argumentos de Mendes Moreira a respeito de um matriarcado entre os Bijagós e argumenta que a transmissão da linhagem por via matrilinear somente interessa para definir a geração do indivíduo e que este elemento não dá mais liberdade à mulher. Lima descreve o homem Bijagó como polígamo e rebate a poliandria apresentada por Moreira, buscando argumentar que entre os Bijagó haveria a sujeição da mulher pelo homem. (LIMA, 1947 apud SCHOLL, 2016. s/p).

No entanto, a questão da origem dos bijagós foi abordada por vários etnólogos, antropólogos e caso de MOREIRA (1946), apud SCHOLL, (2016. s/p), na qual tem feito as suas análises baseando no modo da organização social e política dos bijagós e principalmente na questão do matriarcado desse povo insular, alegando não com muito detalhe que os bijagós seriam juntos com Fulupes, balantas, papeis e manjacos originários da Guiné-Bissau, e teriam migrados para as ilhas nos tempos mais remotos. E o LIMA, (1947), MOTA (1974), apud SCHOLL, (2016. s/p). associam a descendência dos bijagós ao mesmo ancestral dos Conhanguis, os Tandas, os Badjarancas da Guiné-Konakre, os Beafadas da Guiné-Bissau e que habitariam esses territórios da Guiné antes da chegada das mandingas e posteriormente dos portugueses. Esses entre outros autores ninguém conseguiu explicar a origem dos bijagós de forma concludente, de maneira que a

discussão sobre a origem desse povo do atlântico ainda é uma questão aberta. E a tradição alega que eles seriam originários de Buba no sul da Guiné-Bissau.

### 6.1.1 Mitos de criação dos Bijagós:

Com toda essa discussão, acerca da origem dos bijagós, podemos perguntar o que é que esse povo fala das suas próprias origens? No entanto, os Bijagós assim como muitos povos de diferentes cantos do mundo têm os seus mitos de criação.

E, portanto, para os bijagós Deus criador sempre existiu, desde início da vida, mas ninguém viu e não é representada nas imagens, eles chamam de Nindó. E, portanto, tudo começou quando Deus criou a primeira ilha, que é a ilha de Orango e depois criou o homem e a sua mulher, e estes tiveram quatro filhas, nas quais deram o nome de Orakuma, Ominka, Ogubane e Oraga. E os netos/as desse primeiro casal criado na ilha de Orango que ocuparam todas as restantes ilhas do arquipélago.

Esta é a lenda de criação da origem dos povos Bijagós, o que significa que para esse povo sempre habitaram essas ilhas há milhares de anos.

### 6.2 Os Ritos de Iniciação Dos Bijagós e a tradição oral

Entende-se que os ritos/rituais são conjuntos de práticas, normas e costumes consagradas e desenvolvidas em determinadas práticas cerimoniais. No entanto, os ritos existem desde os primórdios, em todas as culturas e civilizações e desde a época dos nossos antepassados, essa prática é tida como o meio de formação e educação dos jovens de modo a respeitar e guardar a cultura, saberes e a própria tradição.

É nos últimos séculos essas práticas vêm sendo marginalizado, principalmente os ritos ligados às sociedades africanas foram e são vistos pelos invasores europeus como não “civilizadas” e atrasada. No entanto, com esse grande preconceito que sofre, principalmente os rituais das sociedades africanas, acabam ganhando uma conotação supernegativa pelos descendentes e herdeiros dessas práticas culturais. E, segundo

(DIAS, 2009. p.72) que nos diz, “entretanto, que as crenças, ritos, rituais e cultos são efetivados e sentidos de diferentes formas e contribuem essencialmente para a formação e educação das pessoas. Através deles, elaboram-se conhecimentos, ampliam-se representações”. E ainda continua nos dizendo que:

A prática dos rituais ocorre desde os primórdios. Sua importância reside no seu desenvolvimento e imposição silenciosa aos

participantes, em sociedades simples ou complexas. Sua aceitação e repetição é uma demonstração da própria necessidade de sua existência, sendo que a polissêmica significação desses eventos pode ser explicada pelas características, necessidades e evolução de cada sociedade. (DIAS, 2009. P.2).

Prosseguindo com o mesmo autor na mesma linha de pensamento ele fez um diálogo com o clássico Émile Durkheim onde afirma o seguinte;

Durkheim (1978) afirma que os ritos nascem nos grupos e suas funções são fazer emergir, manter ou recriar certas ideias atreladas à religião desses mesmos grupos. O rito, então, não é uma celebração fechada no tempo e no espaço, antes, porém, transcende as delimitações físicas dos locais onde acontecem. Assim, torna-se importante ampliar conhecimentos acerca do campo ritualístico na escola, pois desconhecê-lo significa ignorar a sua rica demanda cultural. (Durkheim 1978, apud DIAS, 2009. P.71).

Os ritos de iniciação não são apenas práticas de preservação da cultura ou manifestação de uma crença religiosa (no caso das sociedades africanas), mas também é um elo de ligação e sintonia com os ancestrais, e uma obrigação comunitária, necessária e composto por um vasto campo de relacionamentos, pois nas sociedades africanas (em especial os bijagós) a religião e a cultura estão intimamente ligado ou seja nada é independente nas tradições africanas, também nos diz OPOCO, ao falar das religiões africanas, que:

No que respeita a relação com a sociedade, o ser humano significava pertencer a uma comunidade. Isso significava a participação em crenças, cerimônias, rituais e festas, a participação comunitária tinha mais valor do que a individual. De fato, a sociedade estava mais fundada na obrigação do que direitos individuais, e o indivíduo afirmava os seus direitos nos exercícios dessas funções o que transformava a sociedade numa vasta malha de relações. (OPOCO, 2010, p. 593).

No entanto, assim como muitos povos africanos, os bijagós usam a tradição oral para transmitir os seus saberes tradicionais aos mais novos, e principalmente nos ritos de iniciação. Com esse modo de transmissão de saber tradicional, os mais velhos ajudam os jovens a cumprir e a guardar uma tradição milenar, na qual é transmitida de geração em geração. E nesse contexto, podemos perceber também na fala do Amadou Hampâté Bá, quando fala da tradição oral africana como um meio de transmissão do saber africano que carrega um significado e valor diferente das outras culturas. E nos diz que:

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimos -nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos

que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África (HAMPATÉ BÁ, 2010, p.167).

No entanto, a transmissão do conhecimento através da oralidade nas sociedades africanas e em especial bijagós é algo muito respeitado e valorizado quanto à escrita em outras sociedades, porque é tida como algo sagrado e divino. E segundo DOMINGOS, (2014, p.1140) “a civilização africana procede antes de tudo o verbo, seja palavra, ritmo ou símbolo. E nesse contexto a palavra não é apenas instrumento de comunicação”.

Por tanto, a fala para os bijagós é vigiada pelos espíritos que protegem a aldeia, o indivíduo tem sempre compromisso com a verdade e há sempre um controle psicológico e não é preciso vigiar ninguém. Me lembro de ter pegado o vinho de palmeira (vinho palmo em crioulo), no celeiro do meu avô, onde ele fazia cerimônias, a mando do meu irmão mais velho. E quando o meu avô percebeu que estava faltando o vinho, contou a minha mãe e ela começou a nos interrogar... e se eu não contasse a verdade, o espírito *iram* (guardião da aldeia) poderia me pegar, então, tinham que contar não só porque a minha mãe estava com medo que talvez o espírito me pagasse e me tirasse a vida, mas também porque se descobrir que mente sobre algo assim, eu ia ser muito castigado no ritos de iniciação preliminares. Então resolve contar que peguei a mando do irmão mais velho.

No entanto, para os bijagós o espírito “iram” conhece todas as pessoas e pode puni-las com as doenças e até a morte. E com isso não se deve mentir perante ele (o espírito) ou para os pais e anciões da aldeia, porque eles que guardam a aldeia e protege as pessoas do mal.

A palavra, como referimos acima, não é só algo sagrado controlada pelos espíritos, mas também é tida como um instrumento importante na conservação e transmissão das heranças culturais aos mais jovens, pois eles que são futuros homens e mulheres da comunidade. E nesse contexto se percebe que a oralidade sempre esteve presente e como um elemento importante nas tradições africanas e em especial dos bijagós. E ainda nos fala HAMPATÉ BÁ, que:

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que

poderíamos chamar elocuições -chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas. Isso, pelo menos, é o que prevalece na maioria das civilizações africanas. (HAMPATÉ BÁ, 2010, p 139-140).

Essa prática ainda persiste nas sociedades africanas (em especial a dos bijagós), muito embora com grande preconceito contra ela desde época da invasão dos europeus aos territórios africanos, querendo a todo custo provar a suposta “superioridade racial” e legitimar a exploração do continente, inventaram teorias infundadas sobre o homem africano e a sua cultura.

No entanto, nos ritos de iniciação dos Bijagós, ainda se usa muito a tradição oral como uma forma de transmissão do saber, e nessa prática ritualística, os jovens saem da vida feliz nas aldeias perto dos pais, amigos e familiares para se tornar um homem/mulher responsável e maduro/a, capaz de educar os filhos/as, cuidar da família, e conhecer a visão do mundo Bijagós. E nesse contexto, existe na sociedade bijagós cerimônias de iniciação só para os homens *Marach* e para as mulheres *Difunto*, e os bijagós dedicam cerca de cem dias para as suas cerimônias. E a respeito desse assunto também nos fala, NETO (2006), citando o antropólogo Luigi Scantamburlo esclarecendo:

[...] que «um dos objetivos dos ritos da iniciação é o da educação dos jovens. O povo bijagó diz que os pais são capazes de criar fisicamente bem os seus filhos, mas incapazes de disciplinar convenientemente as suas emoções e as suas mentes. Um bom bijagó não é egoísta, pelo contrário, tem o clã no pensamento (SCANTAMBURLO, 1991 apud NETO, 2006, S/P).

As cerimônias de iniciação de “Marach<sup>1</sup>” que é exclusivamente para os homens, no caso da ilha de Bubaque onde nasci e me criei. Os mais velhos ou seja os anciões da aldeia tem que ir a tabanca (aldeia) de Ancamona como de costume para pegar o fogo sagrado, e com ele entrar por cerca de seis meses na floresta um lugar sagrado para os ritos de iniciação (atualmente os meses de duração das ritos de marach foram muito reduzidos devido aos períodos escolares), e nesse lugar a mulher não pode entrar. Mas para obter esse fogo tem que sacrificar uma vaca ou boi no espírito *Orebock*<sup>2</sup> da tabanca

---

<sup>1</sup> Os ritos de iniciação exclusivamente para os homens.

<sup>2</sup> Espírito guardião da aldeia

de Ancamona<sup>3</sup>, pois é ele que controla a realização de *marach*. Nessas cerimônias de Marach se praticava circuncisão, e depois essa prática foi abolida por infecções e mortes que ocasionavam, e agora se faz tatuagem no peito que substitui a circuncisão nos jovens.

Então nessas épocas em que o jovem entra no Marach é conhecida como épocas de austeridade, (de castigos principalmente para desobedientes e aqueles que não respeitaram os mais velhos) e aprendizagem. No entanto, nessa época o jovem apreende a ser homem a partir da visão do mundo bijagó, a servir a comunidade os mais velhos como sendo os sábios e mais próximos aos espíritos *orebock* e ancestrais. Por tanto, entre estes e muitos outros ensinamentos que os mais velhos transmitem aos mais novos no marach, se destaca também o modo de conservação do meio ambiente da biodiversidade, pois para os bijagós a natureza possui elementos sagrados.

Há árvores e plantas que não se devem cortar, lugares que não se devem cultivar por ser considerados e sagrados para os bijagós. E, também peixes, mariscos sagrados e que são utilizados somente nas cerimônias ritualísticas. E essas práticas e segredos são ensinados nos ritos de iniciação de Marach, o que ajuda na manutenção e a conservação do meio ambiente e preservando-lhe para gerações vindouras. E nesse contexto, também nos diz, CARDOSO, que:

O saber e a prática tradicional Bijagós são tidos como instrumentos importantes na conservação do meio ambiente. Mostra-se a relação do saber tecnó-tradicional e do conhecimento científico na organização, gestão e conservação da biodiversidade através das práticas costumeiras de caráter coletivo de reservas de algumas ilhas, matas e sítios como lugares sagrados e as normas tradicionais costumeiras da etnia que controlam o seu uso local, numa hierarquia e através da transmissão oral do velho para o mais novo. (CARDOSO, 2011, S/p).

Depois desse tempo de aprendizagem na floresta e culto aos ancestrais, os jovens voltam para as aldeias e seus familiares como adultos e com uma nova identidade, e a responsabilidade de passar para futura geração o que lhes foram ensinados e também são postos outros nomes na qual passarão a ser chamados por resto da vida, e já ganham alguns privilégios nos lugares de honra nas cerimônias e outros eventos em relação a aqueles que ainda nunca foram.

---

<sup>3</sup> Aldeia que fica na ilha de Bubaque onde se busca o fogo sagrado para realização de marach

### 6.3.1 Difunto

E os rituais de iniciação de Difunto, são rituais destinadas e exclusivamente para as meninas. Os bijagós acreditam que quando um jovem morre sem fazer o ritual de iniciação de marach (que são os ritos de iniciação dos homens), não conseguem encontrar o caminho para os seus ancestrais e fica vagando pelas aldeias, infeliz e poderá fazer mal as pessoas e própria família, e se tiver a oportunidade de reencarnar numa outra pessoa e fazer as tais cerimônias encontrara o caminho para os ancestrais (ancarebok ou kadjoko ka Nindó), a casa de Deus em português.

Por tanto, os ritos de iniciação de “Difunto<sup>4</sup>” defunto são feitas pelas mulheres para ajudar a alma dos jovens a encontrarem os caminhos para os ancestrais. No entanto, nessas cerimônias a alma do jovem entra no corpo da jovem, menina na fase em que o seu corpo já se transforma da fase de criança para a adulta, e durante esse período de cerca de dois meses a menina não é dono do seu corpo e não se sente mesmo em si, ou seja ela sai fora de si e o corpo dela pertence a alma do rapaz falecido e ela não se lembra o que lhe aconteceu durante todo aquele período de iniciação. E nesse contexto, a mãe do rapaz falecido reconhece o filho e passa a tratar a moça durante aquele período, e não só, como o seu próprio filho.

Me lembro perfeitamente quando eu era criança, no período de ritos de iniciação de *Difunto* a minha mãe chegou para mim e os meus irmãos mais velhos numa manhã daqueles dias de iniciação, dizendo que o nosso primo que havia falecido há três anos, voltou do mundo dos mortos e que está na *balobá* (que é a casa sagrada das mulheres onde se realizam a cerimônia e o homem não pode entrar nesse lugar expecto o *hórassi* que é escolhido por elas mesma como alguém que guarda o espírito *hóreboc* e também ele que toca o *bombolom*). Ela toda feliz, perguntei a ela: porque o nosso primo não vem para casa logo, e ela disse não ... (eu com 11 anos na época não percebi e nem tinha a ideia como isso aconteceu). Mas depois ela me explicou, e até hoje ela trata a moça como se fosse da nossa família.

Esse rito de iniciação de Difunto, assim como de Marach serve para ensinar as meninas os trabalhos domésticos, as diferentes formas de colheitas, recolha de frutas ou mariscos da praia, dos mangais para as cerimônias sagradas, as danças e como transmitir o que apreenderam para as futuras gerações. Depois desses meses de ‘fanado de Difunto’,

---

<sup>4</sup> Ritos de iniciação das mulheres

as meninas voltam para as suas vidas normais na comunidade e escolhem os seus maridos, como mulher adulta e responsável. E Vale a pena ressaltar que as mulheres que escolhem os seus maridos e elas que decidem o possível divórcio.

### 6.3 A cosmologia dos bijagós

Os bijagós assim como qualquer outro povo africano tem o seu modo de ser e de estar no mundo, e este modo de ser dos povos africanos a sua cultura está inteiramente ligada a suas práticas ritualísticas ou seja para os povos africanos em especial os bijagós tudo está interligado na natureza, e o próprio homem não é nada mais do um elemento da natureza. No entanto, em todas as dimensões das experiências humanas no mundo, sempre estiveram ligadas ao sobrenatural, o que não é diferente com os povos africanos como nos mostra Kofi Asare Opecu ao citar E. Obiechina 1978, na qual afirma, que:

Não existe qualquer dimensão importante da existência humana que não esteja ligado ao sobrenatural ao sentimento popular religioso e a piedade [...]. tudo isso constitui parte integrante da estrutura ideológica da sociedade tradicional e é essencial para uma interpretação exata da experiência no contexto social tradicional (E. OBIECHINA 1978 apud OPOCU, 2010, p. 591).

E essa relação de material e o imaterial se manifesta nas práticas cotidiana, religiosa e ritualista dos povos africanos. Pois nessas sociedades, em especial os bijagós, há uma infinita relação dos seres humanos com o criador de universo, o Deus criador de tudo, e os ancestrais, como vai nos dizer o, DOMINGOS, (2014) ao falar da religiosidade africana e sua concepção do mundo, e diz que:

[...] Não há termo, de forma explícita que possa esgotar o conteúdo e o sentimento religioso africano. Entretanto, é um sistema de relações entre o mundo visível dos homens e o mundo invisível regido pelo Criador e as potências que, sob nomes diversos, e todos sendo manifestações deste Deus Único, e todos eles são especializados nas diferentes funções. O homem, neste contexto, é a síntese de tudo que existe, o recipiente por excelência da força suprema e ao mesmo tempo aquele em quem convergem as forças existentes. Certos componentes do homem são a herança, outros são dom e outros ainda existem porque o indivíduo decidiu integrá-los, os reforçar e os consentir através de diversos sacrifícios e rituais que exigem esta integração. Todos esses componentes são vivos, móveis e se transformam. (DOMINGOS, 2014, p. 169).

No entanto, essa relação entre os vivos e os mortos, Deus e criaturas e demais espíritos habitantes entre homens é algo presente na sociedade bijagós. E eles são povos pragmáticos, ou seja, os bijagós acreditam que as ideias e atos só são verdadeiras se servirem de uma solução e colocadas em prática. Para os bijagós não adianta dizer teoricamente para uma pessoa que não sabe nadar que tem de fazer isso ou aquilo na água, uma vez que não vai entrar nela, no entanto, “se apreende fazendo” é assim que fui ensinado por meus avôs.

Os bijagós acreditam num ser supremo que eles chamam de “Nindo” (Deus), é esse ser é idealizado como aquele que está acima de tudo e que é criador de todas às coisas. E esse Deus é invisível e difícil de entrar em contato. No entanto, além desse Deus (Nindó), existe outros poderes na natureza (os espíritos) na qual comunicam e interagem com os humanos. Portanto, esses espíritos que eles vão chamar de órebok, (são guardiões das tabancas) e, é através dele que se consegue comunicar com Nindó (Deus supremo) e os ancestrais. E além deste último há outros espíritos do mal que eles chamam de *hérandé* (iram no crioulo da Guiné-Bissau).

E esse espírito órebok, tem poder para lançar má sorte sobre alguém, punir (no caso fizer algum mal), e até matar. E ele é apresentado por uma figura antropomórfica, e numa estatua. E para consagra-lo é preciso matar um animal na própria estatua e colocando o sangue no seu abdome e não no rosto, e depois as mulheres cozinham a comida com o animal sacrificado para todos comerem. E não é qualquer um que pode possui-lo, mas somente aqueles que já passaram por rituais de iniciação de marach. E, a pessoa que possui órebock não pode ser ferida ou morta por arma, pois está protegida pelo espírito.

Além desse espírito guardião das tabancas (aldeia), há outros espíritos que estão fora das aldeias, nas quais merecem adoração respeito dos humanos. Pois os bijagós como um povo animista, e como referimos acima, acreditam que têm certas arvores plantas que não devem ser cortadas, porque possuem espíritos e peixes, mariscos que não se deve apanhar só nos dias dos ritos e algumas cerimônias importantes. E, há lugares sagrados onde não se deve verter sangue humano, esses lugares são reservados só para cerimônias ritos de passagem e algumas cerimônias mais importantes, e só se entra nesses lugares nos dias de ritos de iniciação. Disso vai nos falar também ALVES, que:

A etnia bijagó ocupa as ilhas habitadas do arquipélago. A sociedade bijagó rege-se por uma grande quantidade de ritos (cem dias por ano são consagrados a cerimônias tradicionais) relacionados, em grande parte, com a vida selvagem. Por

exemplo, a ilha de Poilão, o maior local do Atlânticoeste para a desova das tartarugas verdes, descoberto há apenas alguns anos, é um lugar sagrado onde não se pode verter sangue, nem humano nem animal. Para desembarcar nesta ilha é necessário pedir a autorização dos espíritos. Este tabu, muito respeitado, permite que as tartarugas possam desovar dezenas de ovos sem enfrentar qualquer predação humana. Por outro lado, existem ilhas onde os animais são considerados sagrados pela população: por exemplo, os hipopótamos na ilha de Orango ou os tubarões na ilha Formosa. Os Bijagós são também conhecidos pelas suas esculturas, consideradas como das mais interessantes de África. (ALVES, 2006, p. 7).

A ilha de Annagarum, Rubane e muitas outras ilhas e ilhéus do arquipélago não se pode verter sangue humano. Lembro-me também quando era criança, na época de cultivo de arroz íamos para Rubane, um ano sim e outro não. E nessas épocas antes da partida, o meu avô sempre nos avisava para não pisar e nem verter sangue humano em alguns sítios da ilha, se não íamos adoecer e até morrer. Mas se no caso alguém derramar sangue humano naqueles lugares sagrados ou entrar lá sem ter feito ritos de iniciação de “marach ou kahunaquê” tinham que sacrificar uma vaca ou um boi nos espíritos que habitam aqueles lugares para evitar futuros castigos ou a morte do indivíduo. Porque os bijagós acreditam que nesses lugares há também espíritos dos mortos, que ainda não encontraram o caminho para Nindó (Deus), e dos ancestrais que guardam e controlam as ações dos vivos.

Na concepção africana, acredita-se que a morte não é o fim da vida, mas sim uma transição de uma vida para outra, ou seja, na cosmologia africana em especial bijagós, o homem é composto por uma parte material (corpo) e imaterial (alma), e este último quando sai do corpo entra no mundo dos mortos e consegue ver e interagir com os vivos, e ainda sobre isso, Kofi Asare Opopu nos relata, a concepção do homem africano:

A concepção geral do homem era que o ser humano se compõe de substância material e de substância imaterial. A parte imaterial (alma) sobrevive a morte, e a parte material (o corpo) se desintegra. A morte, portanto, não significa o fim da vida: é antes a continuidade e a extensão da vida. Os mortos permanecem os como membros da sociedade e se acredita que existe, ao lado da comunidade dos vivos, uma comunidade dos mortos. Entre ambos ocorre uma relação simbólica. A sociedade humana, portanto, é uma família unida, composta pelos mortos, pelos vivos e aqueles que ainda não nasceram. (OPOCU, 2010, p. 592).

É nessa lógica que os bijagós tem a forte crença que quando uma pessoa morre a alma deste indivíduo vai para um lugar na ilha de Hunhócum que é uma ilha situada na

parte ocidental do arquipélago, onde entrara numa cabana sagrada chamada *Kandjá*,<sup>5</sup> onde poderá encontrar o caminho para “casa de Deus” (codjocó ka Nindó), isso caso essa pessoa durante a vida foi uma pessoa do bem e tenha feito ritos de iniciação de (marach ou kahunaquê), que sem as quais não pode encontrar esse caminho para Deus supremo (Nindó).

#### 6.4 O Modo de Vida dos Bijagós e a Globalização

A arquipélago dos bijagós é um lugar cheio de mistérios, os bijagós são um dos povos que sempre registram o avanço da modernidade e muito conservadores. Ligados completamente a natureza, os bijagós acreditam que ela possui elementos sagrados na qual não se deve violar os seus ciclos. Onde os seus modos de vida são baseados numa economia de subsistência e de caráter coletiva, e, os seus recursos naturais são aproveitados de uma forma diversifica, e protegida por tabus e seus mistérios. E o arroz constitui a base alimentar no arquipélago e as palmeiras fornecem óleo de palma, vinho usado nas cerimônias ritualísticas entre outros produtos. E nesse contexto ALVES, diz:

Desde há alguns anos que numerosas influências exteriores interferem com este equilíbrio secular. O arquipélago, outrora fechado sobre o seu mistério, é hoje sujeito a muitas cobiças. Os seus recursos naturais, ainda abundantes, atraem a pesca industrial da Europa e da Ásia que, apesar das proibições, vêm lançar as redes durante a noite nos canais que separam as ilhas.

As pirogas artesanais vêm de diferentes países da sub-região para pescar em particular os tubarões, cujas barbatanas são apreciadas nos mercados asiáticos” (ALVES, 2006 p.2). Entretanto, as influências externas das últimas décadas originadas pelas cúbicas e exploração dos recursos naturais do arquipélago, conseguem alterar o comportamento e vida dos jovens atuais, a desejando outra vida e modelos de comportamento e culturais que se adequam as normas de padrão aceites como civilizado e desenvolvido. E o próprio governo guineense incentiva esse avanço, e exploração dessas áreas ameaçando assim o bem-estar desse povo. Para esse efeito CARDOSO, nos aponta:

Nesse contexto, o que se tem verificado, ultimamente, no quotidiano do governante guineense assemelha-se ao processo de invasão ocidental nos territórios tradicionais africanos, onde as sociedades étnicas tradicionais são obrigadas (do mesmo modo do colono), a aceitarem administração política autoritária do novo colonizador “globalização contemporânea”, fazendo com que ela abdique da sua própria identidade socioambiental e

---

<sup>5</sup> A casa sagrada das mulheres e onde também se realiza ritos e iniciação das mulheres difunto.

sociocultural local em detrimento da nova “cidadã do mundo.” (CARDOSO, 2011, s/p).

De ponto de vista governamental guineense ou africano, a globalização é o desenvolvimento lógico do sistema capitalista de produção. E este atingiu um patamar a partir do qual deve, necessariamente, adquirir dimensões planetárias ou desaparecer; onde os conceitos de competitividade e rentabilidade levam aos estados africanos a uma espécie de darwinismo econômico (CARDOSO, 2011, s/p).

E nesse contexto e sobre essa lógica de desenvolvimento do sistema capitalista globalizada e exploratória o estado intervê no sistema de conservação e modo de vida desses povos tradicionais na qual garante a sua sustentabilidade e sobrevivência. No entanto, se percebe que com essas medidas de intervenções do estado e seu incentivo a exploração dos recursos naturais, culturais do arquipélago traz para o jovem bijagó atual tem novo olhar carregada de preconceito que já existia desde a época colonial, que marginaliza o saber tradicional, que ajudou na conservação desses recursos. Porque atualmente, vestir as roupas europeia ou americana, falar português, viver a moda ocidental se tornou o sinônimo de civilização, o que na verdade é outra forma de alienação e exploração dos recursos naturais do arquipélago.

#### 6.4.1 Os bijagós e as suas estruturas sociais

A sociedade Bijagós é estruturada, em faixas etárias. No entanto, parafraseando FORTES, A idade dos indivíduos conta o grupo ou a classe que ele pertence, levando em conta os ritos de iniciação, porque mesmo com a idade já avançada sem ter feito ritos de iniciação o indivíduo ainda é considerado de classe baixa e terá o mesmo nível de tratamento com os adolescentes. E para cada grupo “etário nessa sociedade existe uma denominação diferente tanto para os homens e assim como as mulheres e cada um se caracteriza por uma indumentária, músicas e danças definidas, sem contar com o trabalho produtivo inerente a este grupo. Existe também uma relação de respeito e obediência total àqueles que lhe são superiores, ou seja, os mais velhos” (FORTES 2011 s/p).

Para esse efeito trouxemos um para mostrar essas faixas etárias construído por ALVEZ, (2006), das repartições das responsabilidades e funções, as diferentes classes etárias. Nome, características principais, idade Classe etária Bijagós e responsabilidades

<b>Homens:</b>	
7-11	Crianças (cadene) guarda do gado e ajuda na caça.
12-17	Adolescentes (Canhocám) Participação nas atividades produtivas. Subir às

palmeiras, artesanato e iniciação às regras sociais (segredos das plantas).
Guarda da aldeia.
18-27 Jovens (cabaro), período de liberdade, festas, danças e conquistas amorosas. Algum trabalho regular (limpar os caminhos da aldeia e participar em todos os trabalhos que exigem boa condição física e capacidades), apoio às atividades agrícolas e à produção do óleo de palma.
28-35 Jovens adultos (Camambi) período depois dos ritos de iniciação (fanado) dedicado aos trabalhos mais duros e à procura dos bens necessários para o pagamento aos mais velhos, aprendendo com estes os segredos da vida.
Administram os palmares, as florestas
36-55 Adultos Odôdo, quando passam do estágio de iniciado ao de iniciador. Têm plenos direitos no conselho dos mais velhos, servem de porta-voz das resoluções deste conselho de decisão. Podem possuir casa e terras e têm direito a casar e a ter filhos.
Mais de 55 Homens idosos homem grande Cabonghá, recebem ofertas dos mais jovens. Guardiões dos conhecimentos e das regras socioculturais tradicionais.
<b>Mulheres:</b>
7-11 Crianças Numpune, trabalhos domésticos, transporte da água, apanha de pequenos moluscos e vigilância dos arrozais.
12-20 Adolescentes (campuni) grupo etário responsável pelas cerimónias de difunto ou kahunaquê. Fora da aldeia as mulheres comem, bebem e dançam juntas e aprendem as técnicas e saberes para viver na floresta.
21-50 Mulheres casadas (ocantó), mulheres com crianças para educar.
Mais de 50 mulheres idosas, mulher grande ocontó depois da menopausa controlam as cerimónias das mulheres.

## 7 METODOLOGIA

### 7.1 Pesquisa Qualitativa

Para a realização deste projeto de pesquisa será desenvolvida a pesquisa qualitativa, optamos por este método tendo em conta a natureza da própria pesquisa.

Entendemos que este método possibilitara uma análise do pensamento social das juventudes bijagós contemporâneos. No entanto, a coleta de dados será na base dos questionários de múltipla escolha, entrevistas individuais e outros que terão perguntas claras e objetivas. E estes devem ser aplicados com rigor para que se obtenha a confiabilidade necessária para os resultados precisas.

E segundo JARDIM e PEREIRA (2009), a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com aprofundamento da compreensão a partir de um grupo social, de uma organização, etc. assim os pesquisadores baseados em métodos qualitativos recusam o modelo positivista aplicados nos estudos da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamento, nem permitir que sus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa. E nesse contexto, segundo (TURATO, 2005 apud JARDIM e PEREIRA):

as pesquisas que utilizam o método qualitativo devem trabalhar com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Não tem qualquer utilidade na mensuração de fenômenos em grandes grupos, sendo basicamente úteis para quem busca entender o contexto onde algum fenômeno ocorre. Em vez da medição, seu objetivo é conseguir um entendimento mais profundo e, se necessário, subjetivo do objeto de estudo, sem preocupar-se com medidas numéricas e análises estatísticas. Cabe-lhes, pois, adentrar na subjetividade dos fenômenos, voltando a pesquisa para grupos delimitados em extensão e território, porém possíveis de serem abrangidos intensamente (TURATO, 2005 apud JARDIM e PEREIRA, 2013, p. 3-4)

No entanto, esse projeto visa aprofundar e compreender o pensamento do jovem bijagó contemporâneo sobre os rituais de iniciação e saberes da cultura bijagó, a partir de estudo com certo grupo de pessoas. Uma vez que a pesquisa qualitativa não se preocupa com a representatividade numérica, contudo, essa pesquisa terá um certo número de entrevistados de maneira a apurar os fatos e os resultados esperados. E também, o próprio método (qualitativo) escolhido nos permitirá de uma forma ou de outra ficar equidistante e das influências nas respostas e opiniões dos entrevistados, de maneira que os questionários serão feitas para não influencia o lado A ou B. E se entende que nesse contexto, o entrevistado, terá mais o campo aberto para expressar as suas ideia, experiências e a vontade para responder os questionários colocados.

### 7.3 Delimitação do Objeto

Esta pesquisa desenvolvida será com os jovens bijagós residentes no arquipélago e na diáspora, de modo a identificar e avaliar o grau de percepção desta nova geração sobre os ritos de iniciação. E, será pesquisada de forma a entender e interpretar o impacto dessas práticas na vida desses jovens, e o que há de relevante nessas práticas culturais que merece as atenções, a partir dos relatos de jovens bijagós residentes no arquipélago dos bijagós e na diáspora (Unilab) de 18 a 35 anos de idade.

### 7.4 Descrição da Pesquisa

A pesquisa terá de seguir quatro etapas a ser trabalhada, a primeira iniciaremos com a coleta de dados bibliográficos e a pesquisa documental para fazer o resgate histórico e sobre a luta dos bijagós contra o poder colonial invasora e momentos depois da independência da República da Guiné-Bissau. Um acontecimento que devolveu a liberdade de práticas culturais e ritualísticas ao povo guineense. E essa coleta de dados será feita junto a INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa), em Bissau, uma vez que o projeto tem uma parte que será feito no arquipélago dos bijagós na Guiné-Bissau, outra parte na UNILAB (Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), com apoio da instituição, dos professores e dos jovens estudantes bijagós.

E a segunda etapa, consistirá na realização de uma pesquisa exploratória (qualitativa) no campo que visa a identificar as características da população em questão em relação ao tema proposto.

E a terceira, consistirá também na construção e realização de entrevistas com questionários aprofundadas com os jovens bijagós residentes no arquipélago, e na diáspora (Unilab), com 18 à 35 anos de idade, na qual serão homens e mulheres, que já foram ao *fanado de marach e defunto*, e incluirá na pesquisa também os jovens que nunca participaram nos ritos de iniciação.

E estes jovens entrevistados, relatarão sobre as suas experiências, histórias de vida antes e depois de ritos de iniciação e as suas vantagens e desvantagens em suas vidas. E, por conseguinte, os jovens que nunca participaram nos ritos de iniciação também relatarão as suas experiências de vida e percepções sobre essas práticas ritualísticas e cultural dos seus antepassados a sua vantagem e desvantagem nas próprias formações como indivíduos sociais capazes de contribuir no desenvolvimento do arquipélago e de futuras gerações através dos saberes locais.

Segundo (CHIZZOTTI, 2011, p. 101 apud BURGER, 2013, p.3) a história de vida pode ser compreendida como uma retrospectiva da vida passada e experiência pessoal de um indivíduo, e esse pode ser oral ou escrito relativos aos acontecimentos vividos pelo indivíduo e que marcaram a sua trajetória ao longo de tempo vivido no passado. E transmitindo essa experiência vivida com isso encontraremos esses relatos nos livros.

A partir desses relatos chegaremos a última etapa que será a quarta, onde iremos recolher os dados bibliográficos e da entrevista e analisando-os e organizar todo o material a fim de construir uma redação do relatório final.

### 8. CRONOGRAMA

<b>Atividades</b>	<b>AGOST</b>	<b>SETEM</b>	<b>OUTUB</b>	<b>NOVEM</b>	<b>DESEM</b>	<b>JANEIR</b>	<b>FEVER</b>
Pesquisa Bibliográfica, ou seja, pesquisa de dados bibliográficos	X						
Pesquisa exploratória							
Entrevistas e pesquisa de campo			X				
Sistematização de dados - Organização dos roteiros/partes				X			
Análise de dados					X		
Produção do Relatório Técnico					X	X	
Revisão e redação final							X
Defesa do trabalho							X

## REFERÊNCIAS:

ALVES, Paulo. Arquipélago Dos Bijagós - Guiné-Bissau. **Edição:** Paulo Alves (www.Rituais.com), 2006, p. 2. 7). Disponível em:

<http://www.rituais.com/Downloads/Guine-Bissau-Bijagos/Guine-Bissau-Bijagos.pdf>>

Acesso em: 02 de julho de 2018

HAMPATÉ BÁ. A.. A **tradição viva**. In: História geral da África, V.VII. SP, ÁTICA UNESCO. 2010, p 139-140, p.167).

BURGER, Ednéia Regina; VITURI, Renee Coura Ivo. **Metodologia de pesquisa em ciências humanas e sociais:** História de vida como Estratégia e história oral como técnica algumas reflexões. Eixo temático: Currículo, Conhecimento e Cultura Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). 2013, p.3. Disponível em: <https://bit.ly/2yCm8YO> >Acesso em: 12 de julho de 2018

CARDOSO, Augusto. Saberes E Práticas Tradicionais Da Etnia Bijagós E Suas Relações com a organização, A Gestão e a Conservação Da Biodiversidade Na GuinéBissau. XI congresso de luso Afro-brasileiro de ciências sociais Diversidade e (Des)igualdade. Universidade Federal da Bahia (UFBA). PAF I e II, Campos De Ondina. 2011. Disponível em:

<https://bit.ly/2xTqJpA>> acesso em: 01 julho de 2018

DIAS, Patrícia Regina Corrêa. **Ritos rituais - vida, morte e marcas corporais: a importância desses símbolos para a sociedade**. 2009. p. 2. 71).

[http://sites.unifra.br/Portals/35/Artigos/2009/vol\\_2/ritos.pdf](http://sites.unifra.br/Portals/35/Artigos/2009/vol_2/ritos.pdf)> acesso em: 29 junho de 2018

DOMINGOS Luís Tomás. **Legba no universo religioso Africano: ordem e desordem na cosmovisão Africana**. Anais do Congresso da SOTER 27º Congresso Internacional da SOTER Espiritualidades e Dinâmicas Sociais: Memória – Prospectivas. 2014.p. 1140

DOMINGOS, Luís Tomás. **A Complexidade Da Dimensão Religiosa Da Medicina Africana Tradicional**. In: mneme – revista de humanidades. 2014, p.169).

FORTES, Paula. Bijagós: **sociedade matriarcal?** Publicado sob uma licença CREATIVE COMMONS. 19 de 02 de 2011. Disponível em:

<http://www.buala.org/pt/a-ler/bijagos-sociedade-matriarcal>> acesso em: 28 de Agosto de 2018.

JARDIM Anna Carolina Salgado; PEREIRA Viviane Santos. **Metodologia Qualitativa:** é possível adequar as técnicas de coleta de dados aos contextos vividos em campo? Apresentação Oral-Ciência, Pesquisa e Transferência de Tecnologia. Universidade Federal De Lavras, Lavras - Mg - BRASIL. Porto Alegre.2009, p.3-4. Disponível em:

<http://cursodegestaoelideranca.paginas.ufsc.br/files/2016/03/Artigo-sobre-PesquisaQualitativa.pdf> > Acesso em 04 de junho de 2018

MENDY Peter Karibe, **A Conquista Militar Da Guiné: Da Resistência À "Pacificação" Do Arquipélago Dos Bijagós**. In. Soronda, Revista de Estudos Guineenses. 1992, p.43.

NETO, Jorge. Bijagós: A vida como ela é. copyright Missionários Combonianos – Revista Além-Mar|. 2006. Disponível em:

<http://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EEuApZplypsFqydPUU>> acesso em: 27 de junho de 2018

OPOCU, Kofi Asare. **A Religião Na África Durante A época colonial**. In: A História Geral Da África, V.VII. SP, ÁTICA UNESCO. 2010, Capítulo 20. p. 191. 592. 593).

SCHOLL, Camille Johann. **A Questão das Origens dos povos da Guiné**: O debate sobre o caso dos Bijagó nos Boletins Culturais da Guiné Portuguesa. XIII encontro estadual de história da ANPUH RS. Ensino Direito e Democracia. 2016-UNISC-santa Cruz do sul. 2016. Disponível em:

<https://bit.ly/2QkQndG>> acesso em: 08 de junho de 2018